

REFORMA SOCIAL NUMA SOCIEDADE GLOBALIZADA

Prof. JOÃO LUIZ FONSECA dos SANTOS

Acreditamos que a informação gerada no estudo da Prof. Tavares¹ permite ao indivíduo visualizar as suas possibilidades de emprego, isto é, a capacidade de gerar trabalho e de assegurar uma renda. Tavares, portanto, ao identificar as pedras no caminho do movimento do capital, entende que os agentes podem fazer as suas previsões a partir do movimento do capital. Na formulação dos seus argumentos três aspectos fundamentais devem ser considerados: 1) a percepção do lucro e do capital como mecanismo de barateamento do capital morto e de minimização das necessidades do trabalho vivo; 2) a compreensão do trabalho vivo em função do seu poder político e não por uma ordem definida por produtividade; 3) a adoção de um capital mínimo, como necessidade histórica para superar a oposição entre trabalho e capital, permitindo aos agentes nas suas previsões afrontar o futuro dentro de melhores condições. Sob esse prisma, o indivíduo deve pautar os seus projetos dentro de critérios que proporcionem uma maior segurança e melhores condições profissionais e de vida. Como consequência, investir na mudança exige um desafio mais contundente no conhecimento das situações, na liberdade de ação e na responsabilidade das escolhas que evidenciam o sentimento reforçado de desigualdade entre os indivíduos sociais. Todavia, é nas discussões sobre a ação econômica que os analistas se enganam, quase sempre, em todas as escalas, ao privilegiar o jogo do livre mercado sobre às possibilidades de desenvolver novas atividades, especialmente à luz das características dos mercados capitalistas contemporâneos, instáveis e excludentes. Mais uma vez, a linha que conduz da gestão da educação à estabilização, modernização do assalariado industrial e a aquisição de qualificação, não pode ser coordenado por um princípio coerente uniforme. Mas, o descompasso deve-se ao preço do progresso na reprodução da sociedade, ou seja, as indicações de uma forma perversa de progresso modificando todos os contornos da ordem social: sistema educativo, esgotamento do estruturalismo, práticas do individualismo, progresso técnico. Assim, a reordenação da economia, dentro de princípios clássicos, levaria a sociedade para um impasse de consequências sociais totalmente imprevisíveis, a nível da demanda social, da função de produção e do contrato social.. Com certeza, o quadro da economia deverá responder aos novos desafios, na dependência do seu poder político e não de sua produtividade, atender a um

¹ CEBRAP N 25, 1979.

certo número de indeterminações: redução dos custos de produção, criação de novos mercados e a oferta de novos postos de trabalho.

REVOLUÇÃO INFORMACIONAL: UTOPIA, REALIDADE E POTENCIALIDADE

O que fica claro no contexto do novo contrato social, é o quanto a lógica do lucro e do capital numa sociedade globalizada passa a interferir sobre o valor de uso do trabalho social. Assim, a noção de progresso tecnológico é importante para construir um futuro menos mistificado sobre os efeitos das novas tecnologias, numa economia globalizada, organizar a comunidade no sentido de garantir a participação do trabalhador na relação máquina/trabalho e avaliar o câmbio e deslocamento de novas relações de trabalho. M. Crozier² afirma que os tempos utilizados pelos dirigentes tecnocratas e os tempos defendidos para formação e evolução de uma norma de ensino inovador nos conduzem à horizontes que dificilmente extrapolam o curto prazo. Entretanto, sabemos hoje que as organizações culturais não são rígidas e nem muito menos imutáveis. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, ou elas negociam com o meio ambiente em mudanças ou simplesmente desaparecem como centros formadores. Com certeza, a importância das expectativas e da incerteza são fundamentais para responder aos desafios de uma contínua inovação global do conhecimento, atender a um certo número de indeterminações, sob pena de cair na armadilha que foi reservada aos dinossauros, os memoráveis reptis gigantes que desapareceram do nosso planeta.

O capital tende a negar progressivamente o trabalho vivo. A mudança em questionamento é como transformar o sistema e as mentalidades numa economia de produção, que será completamente automatizada nas próximas décadas, em decorrência da terceira revolução industrial. O aprendizado não pode ser reduzido a um sistema de máquinas destinado a produzir e a vender valores agregados educacionais. Mas por trás desse uso, relativamente racionalista e ambivalente, oculta-se um sentido mais polêmico das possibilidades dos sistemas educacionais que parecem hoje cada vez mais desterritorializados, ultrapassando as fronteiras definidas pelos costumes, os poderes legíveis, a língua e a ideologia. Morin³ no estudo do método, assume o desafio de frente ao identificar o limite da racionalidade técnica, na produção

² La crise de L'intelligence, Paris: Interéditions, 1995.

³ O Método: o conhecimento do conhecimento /1, Lisboa: Europa-América, 1986.

do conhecimento apropriado, sobretudo no momento em que dada a dinâmica da época presente, não é possível postular futuro e muito menos futuros para as necessidades locais. Apenas, estamos conscientes que, para ser inovador, é preciso mudar de paradigma. O exemplo dos suíços é contundente para entendermos que o sucesso do passado não garante o futuro. Eles detinham, praticamente, em 68, 65% do mercado mundial de relógios e perderam a quase totalidade do mercado com a entrada dos relógios eletrônicos. É preciso ressaltar que foram eles, nos seus laboratórios, os descobridores do quartzo como aplicação industrial. Pode-se dizer, portanto, que o paradigma tecnológico voltou a zero com a descoberta das novas tecnologias orientadas para produção de relógios de alta precisão, de custos achatados e polivalentes no mercado em expansão de bens informativos. Diante da amplitude das tarefas que se esperam no desenvolvimento de novas habilidades, e onde o não emprego torna-se um dado sociológico maior, o ator deve procurar novas oportunidades para ter sempre trabalho e renda. Nenhuma definição ou caracterização de emprego pode ser tomada como representativa das práticas contratuais. Forja-se, contudo, em meio à crise de emprego o desenvolvimento de estratégias que favoreçam à polivalência dos atores, na geração de trabalho e renda permanente e no desafio de inovações criadoras de atividades no mundo virtualmente privado de trabalho.

Proposta de ação

1) FORMAÇÃO PROFISSIONAL DENTRO DA PERSPECTIVA DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Para se ajustar às exigências da economia global, as organizações modificam-se com rapidez e não podem mais garantir o emprego a vida, ou ainda conservar um setor protegido como acontecia no passado. O postulado de comportamento racional do agente econômico é saber diagnosticar os tempos de rupturas, antecipar os riscos e de se preocupar com as aplicações das soluções. Temos de considerar o preço das imposições com que se pagam as emergências globais, e temos de perguntar a nós mesmos se estas imposições não aniquilam possibilidades de emergências ainda mais ricas ao nível dos componentes. Uma maneira possível, eficaz, para fazer face às dificuldades de uma globalização, é utilizar novos paradigmas que sejam portadores de futuro. Nada mais ilustrativo nesta linha de argumento que o pouco conhecido terceiro ato de Fausto de Goete, onde Mefistófeles convence

Fausto das maravilhas do papel moeda, e este logra convencer o soberano a utilizar a nova invenção para criar riqueza. Na verdade, não há desenvolvimento fácil, sem um preço a pagar, sem um entendimento com o demônio: a venda da alma, a eternidade em privações. Como veremos a seguir, diante da mundialização da economia existe uma tendência a manter o educando passivo diante do câmbio revolucionário, estrutural e organizacional das empresas. Sabe-se que é bastante difícil fazer escolhas significativas no campo profissional, pois ensina-se ao educando a trabalhar com às restrições, antes mesmo de agir livremente na responsabilidade de suas escolhas no mercado de trabalho.

2)IMAGINAR UMA EXPECTATIVA DE EMPREGO NO LONGO PRAZO

Os diferentes grupos sociais, na defesa dos seus interesses, devem agir como atores livres e produzir novos paradigmas, úteis e portadores de novos desafios. A História não volta atrás, segundo a expressão mais profética de Marx, ela tem mais imaginação do que os homens; ela tomará novos atalhos. É, portanto, crucial conhecer quem tem interesse na evolução da classe trabalhadora global, as condições, o destino nacional, os meios e os resultados esperados na integração na cultura liberal de mercado. Não deve surpreender, portanto, que os novos momentos históricos portem sinais de uma herança cultural, de uma identidade cultural, e que cada indivíduo procure dentro dos seus limites atingir um novo equilíbrio entre ordem e desordem, entre abundância e pobreza, dignidade e humilhação. Assim, no tocante às expectativas, é preciso procurar uma formação profissional que permita afrontar uma economia altamente competitiva e volátil. Como observou Rifkin⁴, no mundo caracterizado por salários depressivos, crescimento vertiginoso de trabalho contingente, elevada desocupação tecnológica e crescente disparidade de qualificação, o método mais apropriado de modelagem econômica consiste em propiciar ao agente uma visão do novo mundo tecnológico do comércio e do escambo global.

⁴La fine del lavoro, Milão: Baldini et Castaldi, 1995.

3) IMAGINAR O COMPORTAMENTO REATIVO AO PROCESSO DE MUDANÇA E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Estamos numa época em que é muito difícil ser linear. Para compreendê-la, porém, teremos muito trabalho na observação do processo de reparticularização das identidades e das práticas sociais. Por exemplo, devemos adotar uma atitude crítica, nomeadamente na destruição do sindicalismo na sua forma histórica de sindicalismo de indústria e sua substituição por um sindicalismo de empresa. A grandeza do comportamento reativo do trabalhador é ter pressentido que, por um lado, o saber-fazer coletivo, inovador, favorece a gestão da qualidade e de diferenciação e por outro, o argumento do racionalismo moderno constitui uma barreira às reivindicações do mundo sindical no produto social.

Descobrimos que o mundo físico, a biologia, o cosmo e o homem evoluem segundo o jogo da dialética de ordem e desordem, incerteza e determinação; na verdade não há argumento intelectualmente respeitável em que a história estaria sujeita a um padrão progressivo que pode ser detectado no passado e extrapolado no futuro. Os desvarios dos acontecimentos pressupõem, primeiramente, imaginar o objetivo fixado: produzir a baixos custos, pequenas séries de produtos variados. Nas entrelinhas, percebe-se que deveríamos obter ganhos de produtividade fora dos recursos das economias de escala, mas optando pela pequena série e pela produção simultânea de produtos diferenciados e variados. O que há de mais característico na regulação social é que continuamos a direcionar as mudanças, numa lógica onde os decisores não distinguem a suficiência das mudanças sociais e a necessidade das reformas para um determinado grupo social, no crescente mundo de desocupados e sub-ocupados que grosam a sociedade.

4) UTILIZAR MÉTODOS SIMPLES E APROPRIADOS PARA ESTIMULAR A REFLEXÃO E FACILITAR A COMUNICAÇÃO NA REVALORIZAÇÃO DO INDIVÍDUO

A imperfeição dos instrumentos, a inexatidão, a insuficiência dos dados, a subjetividade das interpretações são realidades incontornáveis. Contudo, uma reforma válida, segundo a experiência das organizações de ponta, passa pela transformação das mentalidades e da ditadura dos mercados. De qualquer forma, é preciso testar a sensibilidade das propostas de conduta do modelo a partir de uma variação de dados e a utilização de um determinado instrumento de operacionalização. Assim, poderíamos aplicar o argumento do Prof. Maurice Allais, prêmio Nobel de economia, quando o mesmo afirma que uma

proposta cujas hipóteses e consequências não podem ser confrontadas com a realidade é totalmente desprovida de interesse científico. De fato, o declínio da força de trabalho global e a incorporação de processos da Terceira Revolução Industrial responde a determinadas condições históricas de produção. O reconhecimento e o extraordinário poder que o homem obtém do conhecimento científico sobre a natureza e sobre outros homens, transformou completamente a atividade científica. Os laboratórios científicos se converteram em grandes empresas sobre o modelo das empresas industriais, nas quais o interesse científico está subordinado ao interesse comercial. Mas o que diferencia as ciências sociais das outras práticas humanas não é a vontade de verdade, mas a atitude crítica, o debate inter-subjetivo, as tentativas de refutação do problema ideológico expulsando milhões de trabalhadores para o exército dos desocupados da nossa sociedade.

Três recomendações p/ o estudo do problema do trabalhador numa sociedade globalizada

1) COLOCAR SEMPRE BOAS QUESTÕES E DESCONFIAR DAS IDÉIAS PRECONCEBIDAS.

Como ponto de partida poderíamos partir da famosa frase do cineasta americano Woody Allen- não existe uma boa resposta, mas uma má questão. Em termos mais objetivos, é preciso desconfiar das nossas certezas, das idéias apriorísticas e, portanto, modificar as nossas ações para adquirir um pouco de realismo. Como diz Pareto, para se orientar no meio do mar, um navegante não necessita conhecer o processo geológico da evolução dos oceanos; basta conhecer geografia e coordenadas de navegação. Com certeza, a terceira revolução industrial, ao definir regras de conduta como algo alienante ao mundo industrial do trabalho, vai cambiar o percurso de todos os setores da economia e bem como a perspectiva de conceber a essência de um projeto de emprego e de gestão do trabalho para realidade de mutabilidade da sociedade. Certamente, o trabalhador vai ser privado de exercer a sua capacidade de livre arbítrio na sociedade. Para evitar que a desordem do trabalho nos vitime enquanto sociedade é preciso exercer a imaginação criadora para propor novas representações tendo em conta às incidências do progresso técnico e as aspirações de uma infinidade número de trabalhadores. No entanto, destaca-se uma nova forma de ensino que passa a interferir na qualificação e principalmente nas condições de vida do trabalhador - desemprego,

subemprego, exclusão social e concentração de renda - constituindo uma verdadeira desordem do trabalho. Certo, é preciso lucrar da crise para revisar as concepções de trabalho e emprego e repensar em termos de atividades mais flexíveis e mais variadas ao longo da vida.

II.) DECODIFICAR AS INFORMAÇÕES À LUZ DO JOGO DO PODER

A informação não é jamais neutra, pois essa constitui um instrumento significativo do jogo do poder. É preciso reativar a parte das operações de comunicações e das bases de informações. O saber tecnológico revela-se como instrumento de base para o exercício de diagnóstico do montante de bens e produtos e não o número de empregos criados para produzir os citados bens. Numa postura aberta do saber, entendemos que ignorância aumenta com o saber. Essa visão caótica e dogmática, indubitavelmente, vai-se converter, gradativamente, em uma camisa de força, na transformação dos processos de trabalho, que nos impedirá de encontrar respostas para as questões de superação e transformação da sociedade de capitalismo tardio numa sociedade mais desenvolvida, mais igual, mais justa e afinal mais humana. De fato, estamos numa época em que o mundo está preocupado com os mecanismos da economia de mercado e onde a economia social é olvidada pelos agentes que formulam política econômica. Acreditamos que estamos numa situação de bifurcação identificada por Prigogine, em que a menor mudança no sistema pode produzir um desvio de largas proporções. A terceira revolução industrial é um evento, que vai integrar inovações organizacionais, cuja importância é comparável aos que foram em suas épocas, as inovações trazidas pelo taylorismo e pelo fordismo. O pensamento do novo contrato social, na sociedade globalizada, presta-se com certeza à diversas interpretações, contudo não podemos aprioristicamente definir como bom ou mau para os agentes os seus efeitos. A nova tecnologia da informação e das telecomunicações pode liberar ou desestabilizar a sociedade no próximo século.

III QUESTIONAR O PAPEL DA CLASSE TRABALHADORA GLOBAL

Decodificar a informação ou a desinformação à luz do jogo do novo contrato social, isto significa reabrir as informações dos atores que criam e difundem o poder. Hoje, numa perspectiva de leitura em escala mundial, o desemprego reina de maneira mais intensa do que a grande depressão dos anos trinta. Constatamos, com o aproximar do terceiro milênio, que existem milhões

de indivíduos que serão eliminados do mercado de trabalho. As vítimas da inovação tecnológica decorrem da substituição de homens por máquinas. O mundo do trabalho percebe com perplexidade que o espaço da empresa não cria novos postos de trabalho. Entramos numa fase histórica em que o trabalho não será necessário para produção de bens, serviços e riquezas para produção mundial. No passado, quando a tecnologia substituía o trabalhador numa determinada atividade, percebíamos o surgimento de novos setores que absorviam a população excedente. Hoje, os setores tradicionais, agricultura, serviços e indústria estão vivendo um câmbio tecnológico e expulsando os seus agentes para o exército dos desempregados. O único novo setor que está emergindo constitui uma faixa estreita de empregadores, cientistas, técnicos, programadores de computadores, engenheiros e consultores. Disto se deduz a importância da cooperação com os diferentes agentes de sorte a permitir ao indivíduo exercer várias atividades, remuneradas ou não. Numa sociedade plural, o paradigma do emprego único, salário a pleno tempo e bem como outras características do mundo salarial perdem a sua representação. Quanto mais global for o problema, mais locais e mais multiplamente locais devem ser as soluções. Para combater essas racionalidades é necessário analisar com objetividade e sem complexo as vantagens comparativas de um novo contrato social no mundo em mudança rápida.

Essa vontade parece inscrever-se na grande tradição do pensamento clássico quando os seus atores afirmam que se deveria conferir à educação e ao trabalho formas flexíveis e alternativas de ações para retificar a miopia constitutiva e desfazer pelo aprendizado da dúvida, a adesão espontânea do indivíduo para novos conhecimentos e ao desenvolvimento humano.

Os desafios atuais fraturam o social, mas acreditamos como M. Crozier a sociedade é paralisada, quando seu sistema político administrativo ou, talvez, os valores de suas elites, e, nesse sistema a sua inteligência está bloqueada. Contudo, é nesta aventura organizacional que poderíamos reconciliar os decisores das políticas de emprego, lançando as bases de uma economia social de emprego.

CONCLUSÃO

Recorrendo às mais recentes pesquisas internacionais sobre o emprego, nos indagamos em que condições as duas abordagens, tratadas pelos organicistas da escola francesa - Crozier e Godet, utilizando o conceito de economia social de mercado e outra de influência da Economia política, utilizando a teoria do movimento de capital, poderiam se completar.

Os argumentos organicistas, através da análise prospectiva, permitem mostrar que a formação permanente dos trabalhadores e as formas flexíveis de gestão elevariam a probabilidade de geração de trabalho.

Embora, os organicistas constatem que a sociedade globalizada é instável, admitem, todavia, que os agentes, através da reforma da formação profissional e a gestão do tempo de trabalho, possam se manter num estado estacionário, oscilante entre a lógica do curto prazo e a repartição equilibrada de riqueza. Enquanto, a tese de Tavares supõe, portanto, um sistema em que a valorização do trabalho seja viesada, pela lógica do lucro e do capital, numa máquina de desvalorização do próprio valor de uso do trabalho social. A única questão que persiste é: será que essas teorias têm probabilidade de ajudar a conhecer e compreender a realidade? Nos organicistas, trata-se de contribuir para resolução de problemas econômicos, onde o trabalho não deve mais ser o principal valor da vida social.. O argumento de economia política proporciona, no caso do emprego, uma percepção do conhecimento, que restabeleça o poder de compras dos assalariados. Mas para isto, é preciso conduzir uma política de renda mais voluntarista, ou seja redefinir um contrato social mais equitativo. Assim, o que está em jogo é a compreensão da politização dos preços, inclusive daquele visivelmente mais politizado que é o preço do trabalho nos serviços, e que não são redutíveis à categorias como produtividade ou escassez.

De qualquer forma, embora essa construção esteja apenas em seus primórdios, ela parece promissora, por estar particularmente adaptada à nossa situação real dos trabalhadores.

BIBLIOGRAFIA

ATLAN, H. Entre o cristal e a fumaça: ensaio sobre a organização do ser vivo, Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

CASTRO, N. A. (org), A máquina e o equilibrista: inovações na indústria automobilística brasileira, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CROZIER, M, La crise de l'intelligence: essai sur l'impuissance des élites à se réformer, avec B. Tilliette, Paris: InterEditions, 1995.